

A CRÍTICA AOS PRECEITOS RETÓRICOS NO *DE ORATORE*, DE CÍCERO, E NO *DE DOCTRINA CHRISTIANA*, DE SANTO AGOSTINHO

Thiago Maerki¹

RESUMO: Desde o século passado, vários estudiosos vêm se dedicando à análise comparativa de Cícero e Agostinho, desvendando, através de diversos artigos, dissertações e teses, as diferenças e semelhanças entre estes autores. É evidente, como pode ser percebido pelas várias citações diretas e indiretas que o bispo de Hipona faz do orador romano, que Cícero é uma de suas principais influências, principalmente no que concerne à retórica. Seguindo uma tendência comparativa e tendo como *corpus* de análise o *De oratore*, de Cícero, e o *De doctrina christiana*, de Santo Agostinho, pretende-se examinar a crítica aos manuais/preceitos retóricos construída por ambos os autores.

Palavras-chave: Cícero; Santo Agostinho; retórica.

THE CRITIQUE OF THE RHETORICAL PRECEPTS IN CICERO'S *DE ORATORE* AND ST. AUGUSTINE'S *DE DOCTRINA CHRISTIANA*

ABSTRACT: Since last century, several scholars have dedicated themselves to comparative analysis of Cicero and Augustine, showing through several articles, dissertations and theses the differences and similarities between these authors. Obviously, as can be seen through the various direct and indirect citations that the bishop of Hippo makes of the Roman orator, Cicero is one of his major influences, especially in relation to rhetoric. Following a comparative trend and having as corpus of analysis Cicero's *De oratore* and St. Augustine's *De doctrina christiana*, it is intended to analyze the criticism of the manuals/rhetorical precepts built by both authors.

Keywords: Cicero; St. Augustine; rhetoric.

1. Cícero, Agostinho e a influência da antiguidade clássica no Cristianismo

A influência exercida pela antiguidade clássica na formação do Cristianismo e na criação do pensamento cristão é um assunto comentado à exaustão na academia. Muito já se discutiu, por exemplo, sobre a influência platônica nas epístolas paulinas e na filosofia patrística. Pierre Hadot (1998, p. 257) comenta que, apesar da influência grega estar presente no pensamento judaico, como na filosofia de Filón de Alexandria (20 a.C. ó 50 d.C.), nada

¹ Doutorando em Teoria e História Literária (UNICAMP) e mestre pelo mesmo programa de pós-graduação. Bolsista CNPq. E-mail: thiagomaerki@yahoo.com.br

indicava, quando do surgimento do Cristianismo, que esta ãnova religiãõ deixar-se-ia influenciar também pelo mundo greco-romano antigo, já que ela apresentava a palavra de Jesus que anunciava o fim do mundo e a chegada do Reino de Deus, concepções estranhas à cultura clássica e ao próprio judaísmo. Em menos de um século após a morte de Jesus, seus seguidores ãapresentariam o Cristianismo não só como filosofia, mas também como a filosofia, a filosofia eternaõ (HADOT, 2008, p. 257). Em *Quæst-ce que la philosophie antique?*, a argumentação de Hadot, sobretudo na terceira parte do livro, visa a mostrar de que maneira teria se dado essa assimilação.

A apropriação da literatura grega pelo Cristianismo é também aspecto bastante discutido, principalmente no que tange à influência da biografia greco-romana na composição das hagiografias cristãs, que passaram a ser sistematizadas a partir do século IV d. C., atingindo seu ápice entre os séculos XII e XIII. Os próprios *Evangelhos* são associados ao gênero biográfico antigo, que tem nas *Vidas Paralelas*, de Plutarco (45ó 120), e nas *Vidas dos Filósofos Ilustres*, de Diôgenes Laærtios (200 ó 250), seus principais exemplos².

A transformação cultural sofrida pelo Cristianismo pode ser apreendida através de dois momentos específicos: a assimilação platônica realizada por Agostinho de Hipona (354 d.C. ó 430 d. C.), e a apropriação aristotélica feita por Tomás de Aquino (1225-1274). O objetivo, aqui, é avaliar em que medida e de que forma teria se dado a assimilação da cultura clássica por Agostinho. Para isso, delimitamos nosso estudo a traçar comparações entre as concepções retóricas do autor cristão, construídas na obra *De doctrina Christiana*, finalizada em 426 d.C., e a retórica discutida por Cícero (106 a.C. ó 43 a.C.) no *De oratore*, de 55 a. C., avaliando as semelhanças e diferenças em relação à crítica aos preceitos retóricos construída por ambos os autores.

Antes, porém, é importante esclarecer em que medida o autor cristão teria tido contato com a obra ciceroniana ó e como isso teria acontecido ó e delinear os principais debates já realizados em torno da aproximação entre esses autores.

Agostinho era filho de uma rica família e recebera uma educação romana que incluía o estudo do mundo clássico e, conseqüentemente, a leitura das obras de Cícero. Em sua biografia de Agostinho, Peter Brown (1970, p. 36) revela que Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio teriam sido os únicos autores profundamente estudados pelo bispo de Hipona. A admiração de Agostinho por Cícero é evidente e pode ser demonstrada não só pelo abundante

² Sobre a influência da literatura clássica na composição dos *Evangelhos*, veja: BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A comparison with Graeco-Roman Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

número de citações que dele faz, mas também por uma passagem das *Confessionum*, em que revela a importância do orador romano, inclusive, em sua conversão ao Cristianismo.

Inter hos ego imbecilla tunc aetate discebam libros eloquentiae, in qua eminere cupiebam fine damnabili et ventoso per gaudia vanitatis humanae, et usitato iam discendi ordine perveneram in librum cuiusdam Ciceronis, cuius linguam fere omnes mirantur, pectus non ita. Sed liber ille ipsius exhortationem continet ad philosophiam et vocatur Hortensius. Ille vero liber mutavit affectum meum et ad te ipsum, Domine, mutavit preces meas et vota ac desideria mea fecit alia (Conf. III, 4).

Era entre estes companheiros que eu, ainda em tenra idade, estudava eloquência, na qual desejava salientar-me, com a intenção condenável e vã de saborear os prazeres da vaidade humana. Seguindo o programa do curso, cheguei ao livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que o coração, todos louvavam. Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia. Chama-se *Hortênsio*. Ele mudou o alvo das minhas afeições, e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos³.

Seguindo a tendência dos estudos de retórica, o jovem Agostinho teria chegado a Cícero e, precisamente, ao seu *Hortensius*, que parece ter sido um divisor de águas na maneira de pensar do autor cristão. Antes, ele teria procurado a òvã sabedoriaö; depois, como ele próprio revela, a obra ciceroniana mudara seus desejos. Seu interesse pelo orador romano teria sido imenso bem como sua reputação de grande conhecedor da obra ciceroniana. De acordo com Benit Neste (2006, p. 08), Dioscorus, um estudante de retórica, teria escrito a Agostinho pedindo a opinião dele sobre as obras de Cícero. Henri Marrou (1958, p. 543), nesse sentido, descreve Agostinho como um verdadeiro discípulo do orador romano e James Murphy (1974, p. 61-62) defende que ele teria identificado Cícero como o preceptor da retórica cristã.

Richard HeeChun (2001) faz um apanhado dos principais estudos surgidos ao longo do século XX que examinam semelhanças e diferenças entre esses autores. O número de trabalhos citados e comentados por ele revela o grande interesse da academia, neste período, pelos estudos comparativos entre Cícero e Agostinho⁴. Seguindo a tendência comparativa, este autor traça paralelos entre o *De doctrina christiana* e o *Orator*, de Cícero, defendendo que o autor cristão teria seguido a estrutura textual dessa obra ciceroniana e a teria adaptado na composição do òLivro IVö da obra supracitada.

³ A tradução desta obra é tomada da seguinte edição: AGOSTINHO. Confissões. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. In: *Santo Agostinho; Confissões; Do Mestre. Os pensadores*. São Paulo: Abril, pp. 1-288, 1984.

⁴ Não faremos aqui a resenha do texto de HeeChun. No entanto, a rica bibliografia discutida por ele está disponível em: HEECHUN, Richard. *Cicero and Augustine: a comparative study of relation between Cicero and Augustine in Rhetoric*, 2001. Sobre esse assunto, veja também: MURPHY, James. *Rhetoric in the Middle Ages: a history of rhetorical theory from Saint Augustine to Renaissance*. London: University of California Press, 1974; sobretudo o segundo capítulo: òSaint Augustine and the age of transition, A.D. 400 to 1050ö.

Para Berit Van Neste (2006), o *De re publica* de Cícero teria sido uma das principais influências no *De ciuitate Dei* de Agostinho, que teria parafraseado diversas passagens da obra ciceroniana, fazendo com que õuma significativa porção de seu pensamento tenha dependido dos escritos de Cícero (NESTE, 2006, p. 10), principalmente no que diz respeito à ideia de justiça⁵.

Richard White (1986), por sua vez, preocupa-se em mostrar o similar processo pelo qual se dá a construção da *inventio* em ambos os autores; para ele, tanto em Cícero quanto em Agostinho, a *inventio* é construída através do õtalento naturalõ do orador. Com isso, deseja enfatizar que a persuasão não pode ser adquirida pelo estudo, mas através da própria prática oratória. Para White, a diferença seria que, na tradição cristã, este õtalento naturalõ se daria pela influência do Espírito Santo; o bom orador, o *Orator Perfectus*, é aquele que se deixaria influenciar por Deus, concepção estranha para Cícero. White afirma também que, õdiferentemente do *De oratore* de Cícero, *A doutrina cristã* objetivava ser um manual de preceitosõ (1986, p. 23), concepção a que nos opomos, já que Agostinho, como iremos propor mais adiante, é avesso aos preceitos retóricos, apesar de não negá-los; ele, ao contrário, pretende demonstrar como o orador cristão deve portar-se, mostrando-lhe exemplos práticos de análise das *Escrituras* e dos estilos na arte oratória, mais do que criar regras que devam ser seguidas.

Estes e outros estudos⁶ passam uma ideia sobre o que já foi discutido a respeito da comparação entre Cícero e Agostinho. Nosso propósito, aqui, no entanto, não é sintetizar esses trabalhos, mas apresentar o *status quaestionis* do assunto que, a essa altura, o leitor já deve ter percebido.

⁵ Sobre a influência do *De re publica* no *De ciuitate Dei*, veja também: VELÁSQUEZ, Oscar. Cicerón en el *De ciuitate Dei* de san Agustín: las complejidades de un diálogo. *Anuário Filosófico*, v. 34, pp. 527-538, 2001.

⁶ Seguem alguns destes estudos: BRACHTENDORF, Johannes. Cicero and Augustine on the Passions. *Revue des Etudes Augustiniennes*, v. 43, pp. 289-308, 1997; CORREA, Andrés C. Lenguaje, belleza y verdad en Cicerón y San Agustín: las encrucijadas de la persuasión. *Teología y Vida*, v. 43, pp. 187-195, 2002; CORREA, Andrés C. Orator perfectus: la réplica de San Agustín al rétor ideal de Cicerón. *Teología y Vida*, v. 48, pp. 141-147, 2007; ESKRIDGE, James Burnette. *The influence of Cicero upon Augustine in the development of his oratorical theory for the training of the ecclesiastical orator*. Menasha, Wis.: G. Banta, 1912; MARONE, Paola. Agostino e la retorica classica: alcune riflessioni sullõuso delle categorie ciceroniane. *Percorsi Agostiniani*, v. 10, pp. 303-312, 2012; PIZZOLATO, Luigi Franco. Lõamicizia in Sant'Agostino e il õLaeliusõ di Cicerone. *Vigiliae Christianae*, v. 28, n. 3, pp. 203-215, 1974; RAJ EVI, Uro-. *Quidam Cicero: the indebtedness of Augustine's doctor Christianus to Cicero's orator*. 77 p. Thesis (Master of Arts) õ Central European University, Budapest, 2010; TESTARD, Maurice. Saint Augustin et Cicerón: a propos d'un ouvrage recent. *Revue d'Etudes Augustiniennes et Patristiques*, v. 45, n. 2, pp. 385-389, 1999.

2. A crítica aos preceitos retóricos em Cícero

No início da *Retórica*, Aristóteles (384 a.C. ó 322 a.C.) procura definir a retórica em contraposição à dialética, reconhecendo, porém, que ambas não estão sob o domínio de nenhuma ciência determinada. Para o estagirita, todos procuram discutir e sustentar teses, usando, para isso, tanto de uma como da outra. õPessoas comuns, defende Aristóteles, ão fazem ou sem método, ou por força da prática, e com base em hábitos adquiridosõ (*Ret. I, 1354a*)⁷, sendo que uns conseguem sucesso pela prática, sem método; outros o atingem através dos hábitos. Depois disso, questiona por que alguns oradores obtêm sucesso e outros não, chegando à conclusão de que essa indagação constitui a função de uma arte. Continuando, o filósofo grego afirma que õos autores dos atuais tratados de retórica elaboraram apenas uma pequena porção desta arteõ (*Ret. I, 1354a*). Ora, se os manuais abordam apenas uma parte do assunto, existe, obviamente, muito mais a se dizer sobre a retórica que aquilo que está contido nestes livros de preceitos, podendo ser os próprios manuais dispensáveis ao orador, já que õalguns falantes obtêm êxito pela prática, enquanto outros o obtêm espontaneamenteõ (*Ret. I, 1354a*). Assim, a *Retórica* aristotélica parece diferenciar-se dos manuais, já que não objetiva tratar de preceitos ou de regras da eloquência, mas, como parece sugerir o autor, a obra visa a refletir sobre por que alguns obtêm sucesso e outros não. Reconhecendo a incapacidade dos manuais em esgotar o assunto, Aristóteles, porém, parece não desprezá-los, vendo neles uma parcela de valor.

Seguindo Aristóteles neste aspecto, Cícero parece defender o mesmo, já que, para ele, os manuais são desnecessários, assim como aprender os preceitos retóricos em escolas. A eloquência, na visão ciceroniana, se dá através da prática de exercícios e pela imitação dos grandes mestres da oratória. Para Adriano Scatolin (2009b), esse debate constitui uma estratégica polêmica de persuasão, que aparece, sobretudo, no *De oratore*, de Cícero, já que esta obra õfoi supostamente escrita como uma síntese das doutrinas retóricas aristotélica e isocrática, por oposição aos preceitos comuns dos manuaisõ (SCATOLIN, 2009b, p. 198), o que é, como também observa Scatolin, indicado pelo próprio Cícero na epístola *Ad Familiares*, datada de 54 a.C., endereçada a Lêntulo Epínter:

scripsi igitur Aristotelio more, quem ad modum quidem volui, tris libros in disputatione ac dialogo ñde Oratoreñ quos arbitror Lentulo tuo fore non inutilis. abhorrent enim a

⁷ Todas as traduções desta obra são tomadas da seguinte edição: ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

communibus praeceptis atque omnem antiquorum et Aristoteliam et Isocratiam rationem oratoriam complectuntur (Ad Fam. 1.9.23 apud SCATOLIN, 2009a, p. 06).

Escrevi, então, à maneira aristotélica ó pelo menos tal foi minha intenção ó três livros *Do orador* em forma de discussão dialógica. Creio que eles não serão inúteis a seu Lêntulo, pois afastam-se dos preceitos comuns e contemplam toda a doutrina oratória dos antigos, tanto a de Aristóteles como a de Isócrates⁸.

Segundo Scatolin (2009b, p. 199), esta polêmica se dá de duas maneiras no *De oratore*: de forma explícita ó em que as próprias personagens ciceronianas criticam claramente os manuais; e de forma implícita ó em que ela é apenas aludida, cabendo ao leitor contemporâneo a Cícero identificá-la.

No interior desta polêmica, encontra-se também a crítica aos rétores gregos, que se liga, diretamente, à crítica aos manuais e à censura aos preceitos oratórios ensinados nas escolas. Como argumenta Charles Guérin, os ensinamentos escolares, para Cícero, ão não contribuem em nada para o sucesso da prática oratória (2010, p. 107), sendo o *De oratore* a exposição da verdadeira prática oratória inspirada em grandes mestres como Marcus Antonius e Lucius Licinius Crassus. Para Scatolin (2009a, p. 07), Cícero coloca, no centro de suas discussões, as atitudes ou os discursos dessas personagens, encontrando nelas a representatividade ideal para proceder à crítica aos manuais. Estes mestres, portanto, são exemplos a serem imitados, são o modelo ideal do verdadeiro orador de cujas práticas oratórias, somadas ao talento natural e ao exercício prático, podem-se retirar ensinamentos para atingir a eloquência. Nesse sentido, o *De Oratore* se diferencia dos tratados de retórica porque, ao contrário destes, não objetiva elencar preceitos retóricos ou sistematizá-los, mas intenciona apresentar esses mestres como modelo de emulação, fazendo uma reflexão sobre o próprio orador e a prática oratória deles no interior das cidades. Esta obra ciceroniana, para Guérin, não se contenta apenas em passar uma reflexão generalizada sobre a prática do discurso, criando uma espécie de ãmetarretórica, mas pretende ãfornecer também um *corpus* de preceitos utilizados pelos leitores (2010, p. 108).

A crítica ciceroniana parece ser aludida já no prólogo do Livro I ó quando o autor compara o *De Oratore* com os ensinamentos de preceitos praticados pelos Gregos:

[...] repetamque, non ab incunabulis nostrae veteris puerilisque doctrinae quemdam ordinem praeceptorum, sed ea, quae quondam accepi in nostrorum hominum elo

⁸ Citação e tradução tomadas de: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 313 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) ó Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009a.

quentissimorum et omni dignitate principum, disputatione esse versata. Non quod illa contemnam, quae Graeci, dicendi artifices et doctores, reliquerunt; sed, cum illa pateant in promptuque sint omnibus, neque ea interpretatione mea aut ornatius explicari, aut planius exprimi possint, dabis hanc veniam, mi frater, ut opinor, ut eorum, quibus summa dicendi laus a nostris hominibus concessa est, auctoritatem Graecis antepoñam (De or. I, 23).

[...] e retomarei, não determinada ordem de preceitos tomada, aos elementos de nossa antiga e pueril doutrina, mas aquilo que, soube outrora, foi examinado numa discussão de nossos conterrâneos mais eloquentes e primeiros em toda dignidade; não que eu despreze o que os escritores e mestres de oratória gregos nos legaram, mas, como tais escritos são acessíveis e estão ao alcance de todos, e não podem, por meio de minha tradução, ser explicados com maior ornato ou expressos com maior clareza, concederás a licença, meu irmão, segundo penso, de colocar acima dos gregos a autoridade daqueles a quem os latinos concederam a suma glória na oratória⁹.

Apesar de não negar, propriamente, a utilidade dos ensinamentos gregos, Cícero coloca acima deles a autoridade dos oradores latinos, Crasso e Antônio, que, como dito antes, são modelos a serem imitados. Assim, podemos interpretar que as *ōpuerilisque doctrinaeō* [doutrinas de meninos], ou seja, os ensinamentos gregos aprendidos quando jovens, são destinados aos iniciantes e podem, como apresenta o próprio autor, serem encontrados em livros acessíveis a todos; o *De oratore* destina-se, pois, àqueles já iniciados na prática da retórica. Neste trecho, Cícero, indiretamente, coloca sua obra acima dos tratados retóricos. Daí decorre que ele retomará as discussões eloquentes de oradores ilustres, discussões estas que se deram na prática, não sendo fruto de ensinamentos de escola. Ora, decorosamente, nenhum outro tipo de texto seria mais adequado a tal fim que o gênero dialógico; através dos diálogos de grandes oradores latinos, Cícero objetiva dar ao texto um caráter prático ligado à experiência de cada personagem que fala. Os argumentos de Crasso e Antônio não provêm de seus estudos de retórica, mas da própria experiência prática do diálogo. Por isso, o *De oratore* não pode ser definido exatamente como um manual de retórica, já que as técnicas de eloquência estão diluídas nas falas das personagens, falas estas que, muitas vezes, metalinguisticamente, discutem preceitos retóricos, evitando, porém, os jargões técnicos presentes nos manuais.

Segundo Charles Guérin (2007, p. 18), Cícero não se interessa pelas regras formadas pelo *ōo* que fazer^o, contudo pela maneira de *ōcomo* fazer^o; aquilo fazem os manuais; isto pretende fazer o *De oratore*. A intenção de Cícero é também apresentar o orador como modelo, ou, como *patronus* da República, direcionando o enfoque que os manuais davam aos preceitos para o próprio orador, aquele que tem condições de estar à frente do Estado e guiar

⁹ Todas as traduções desta obra são tomadas à tese de doutorado de Adriano Scatolin referida na nota anterior.

seus concidadãos, sendo ele o modelo por excelência. Scatolin concorda com Guérin ao dizer que õuma das grandes inovações do *Do orador* é a mudança de seu foco do discurso para o orador, conforme seu próprio título explicitaõ (2009a, p. 20). Cícero, portanto, ao refutar os manuais, pretende também colocar em evidência o *orator perfectus*.

Por detrás da crítica aos manuais há o conflito entre teoria e prática. Os preceitos, para Cícero, são puramente teóricos enquanto que o exercício se relaciona à prática. O autor afirma, através da fala de Crasso, que *õesse non eloquentiam ex artificio, sed artificium ex eloquentia natumõ* (*De or.* 1, 146) [õa eloquência não nasceu da teoria, mas a teoria é que nasceu da eloquênciaõ].

A crítica aos manuais está atrelada à censura aos próprios professores de retórica, pois, assim como não é possível atingir a eloquência seguindo preceitos, também é impossível consegui-la colocando em prática os ensinamentos escolares, o que fica evidente através de um discurso de Antônio:

Atque isti quidem, qui docent, cum causas in plura genera secuerunt, singulis generibus argumentorum copiam suggerunt; quod etiam si ad instituendos adolescentulos magis aptum est, ut, simul ac posita causa sit, habeant quo se referant, unde statim expedita possint argumenta depromere, tamen et tardi ingeni est rivulos consecari, fontis rerum non videre, et iam aetatis est ususque nostri a capite quod velimus arcessere et unde omnia manent videre (*De or.* 2, 117).

Esses, porém, que ensinam, ao dividir a causa em diversos gêneros, fornecem inúmeros argumentos para cada um deles. É que, ainda que o mais adequado para a formação dos jovens seja que, tão logo se apresente a questão, tenham uma referência de onde possam, de imediato, extrair argumentos prontos, é próprio de uma natureza inepta seguir o riacho sem perceber as fontes das coisas, e já condiz com nossa idade e experiência ir buscar à fonte o que queremos e perceber de onde tudo emana.

Cícero, através de Antônio, novamente relaciona os manuais a um aprendizado juvenil, ou seja, daqueles que são inexperientes na argumentação e que estão dando seus primeiros passos no aprendizado da retórica. Aparentemente, o autor defende que isso é aceitável quando se trata da instrução de jovens, pois eles necessitam ter uma referência para aquilo que estão estudando. No entanto, continuar pensando dessa maneira seria fruto de uma obtusidade mental não condizente com a experiência dos mais velhos, que deveriam buscar os exemplos de que emanam os preceitos, ou seja, voltar à nascente de onde emana o discurso. Ora, essa nascente só pode ser a própria prática do orador, como também argumenta Crasso na fala anteriormente citada. Reiterando, a eloquência, portanto, só pode nascer da observação

do discurso dos grandes oradores e de exercícios práticos que procurem imitá-los. Nas palavras de Antônio:

Ergo hoc sit primum in praeceptis meis, ut demonstremus, quem imitetur [atque ita, ut, quae maxime excellent in eo, quem imitabitur, ea diligentissime persequatur]; tum accedat exercitatio, qua illum, quem delegerit, imitando effingat atque exprimat, non ut multos imitatores saepe cognovi, qui aut ea, quae facilia sunt, aut etiam illa, quae insignia ac paene vitiosa, consecantur imitando (De or. 2, 90)

Portanto, seja este o primeiro de meus preceitos: indicar aquele que se há de imitar, e de tal forma que se busquem com o maior zelo os elementos que mais se sobressaem naquele que se imitará. Some-se a isso, então, o exercício, no qual possa, pela imitação, reproduzir e representar aquele que se escolheu, porém, não como muitos dos imitadores que vi em certas ocasiões, que procuram imitar os elementos fáceis ou mesmo aqueles que são particulares e quase viciosos.

Exercício e imitação, portanto, para Cícero, parecem ser elementos indispensáveis à eloquência. Sem a observância deles ou se apegando somente aos preceitos de manuais, o aspirante a orador jamais a atingirá. Partindo desse pressuposto, Cícero apresenta as personagens, sobretudo Crasso e Antônio, como modelos para emulação. Imitando-as, através do exercício prático, o orador certamente conseguirá o sucesso almejado e a persuasão de seus ouvintes.

3. Influência de Cícero na crítica aos preceitos retóricos de Agostinho

No primeiro capítulo do Livro IV da obra *De doctrina christiana*, Agostinho afirma que considera importantes dois procedimentos na exposição das *Escrituras*: *modus inveniendi quae intellegenda sunt, et modus proferendi quae intellecta sunt* (Doc. Christ. IV, 1, 1) [a maneira de descobrir o que é para ser entendido e a maneira de expor com propriedade o que foi entendido]¹⁰. Assim, nos três primeiros livros, o autor trata de como proceder para encontrar argumentos na exposição das *Escrituras*, uma espécie de *inventio* do discurso cristão, e, no quarto livro, trata da *actio*, ou seja, a maneira de proferir a doutrina cristã. Interessa-nos aqui, sobretudo, o Livro IV, já que, nele, Agostinho aproximar-se-á mais diretamente dos ensinamentos ciceronianos examinados na seção anterior.

Depois de declarar estes propósitos, Agostinho apresenta uma advertência aos leitores:

¹⁰ Todas as traduções desta obra são tomadas da seguinte edição: AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. Tradução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

Primo itaque expectationem legentium, qui forte me putant rhetorica daturum esse praecepta quae in scolis saecularibus et didici et docui, ista praelocutione cohibeo, atque ut a me non expectentur admoneo; non quod nihil habeant utilitatis, sed quod, si quid habent, seorsum discendum est, si cui fortassis bono viro etiam haec vacat discere, non autem a me vel in hoc opere vel in aliquo alio requirendum (Doc. Christ. IV, 2, 2).

Advirto, de início, refreando a impaciência dos leitores, que talvez suponham que vou lhes dar preceitos de retórica que aprendi a comunicar nas escolas profanas. Previno que não esperem isso de mim ó não que esses preceitos sejam sem utilidade. Mas no caso de serem úteis, será preciso aprendê-los à parte, sob a condição todavia dessa pessoa encontrar tempo necessário para se dedicar a tal. Não o peçam, contudo, a mim, quer nesta obra, quer em qualquer outra.

Percebe-se que Agostinho, como Cícero, não nega a importância do aprendizado dos preceitos retóricos. Ao contrário, ambos os veem como importante passo ó o primeiro, diga-se de passagem ó para atingir a eloquência. Como vimos, no prólogo do primeiro livro do *De oratore*, Cícero revela que não apresentará preceitos aprendidos quando jovem. Retomemos sua justificativa para essa decisão: *ōNon quod illa contemnam, quae Graeci, dicendi artifices et doctores, reliquerunt; sed, cum illa pateant in promptuque sint omnibusö* (*De or. I, 23*) [ōNão que eu despreze o que os mestres e professores de oratória gregos nos legaram, mas, como tais escritos são acessíveis e estão ao alcance de todosö]. Ora, Agostinho parece dizer o mesmo ao declarar que não apresentará preceitos que aprendera nas *scolis saecularibus*. A justificativa também é a mesma; ambos não negam a importância desses ensinamentos, mas defendem que eles poderão ser aprendidos à parte.

Após essas palavras, o bispo de Hipona aconselha que o aprendizado da eloquência deva ser iniciado o quanto antes, pois, caso contrário, esta arte nunca poderá ser conhecida plenamente: *ōNam et ipsos Romanae principes eloquentiae non piguit dicere quod hanc artem nisi quis cito possit numquam omnino possit perdiscereö* (*Doc. chirst. IV, 4*) [ōOs próprios príncipes da eloquência romana não receram afirmar que, se esta arte não for aprendida desde cedo, nunca poderá ser conhecida completamenteö]. Ele lembra, em uma clara referência a Cícero, que os próprios *Romanae principes eloquentiae* aconselharam o mesmo. A alusão ao autor do *De oratore* é incontestável, já que Agostinho parafraseia uma fala de César, uma personagem da obra ciceroniana supracitada, que retoma reflexões feitas por Crasso: *ōTum Caesar ñnumö inquit ñme ex tuo sermone maxime, Crasse, commovit, quod eum negasti, qui non cito quid didicisset, umquam omnino posse perdiscere [...]ö* (*De or. III, 146*) [ōObservou então César: ñSobretudo um aspecto de tua fala me impressionou, Crasso: o fato de haveres afirmado que aquele que não aprendeu algo com rapidez jamais será capaz de

aprendê-lo totalmente[ö]. O *õumquam omnino posse perdiscereö* de Cíbero-Crasso, numa clara aproximação semântica, retumba no *õnumquam omnino possit perdiscereö* de Agostinho.

Dito isso, o autor cristão retoma a crítica aos preceitos ao dizer que *õquoniam si acutum et fervens adsit in genium, facilius adhaeret eloquentia legentibus et audientibus eloquentes, quam eloquentiae praecepta sectantibusö* (*Doc. christ. IV, 4*) [õquem possui um espírito vivo e ardente pode assimilar facilmente a eloquência, lendo ou escutando os bons oradores, mais do que estudando os seus preceitosö]. Criticando o estudo dos preceitos, Agostinho defende, na verdade, que a eloquência só pode ser atingida através da imitação dos grandes oradores; ouvindo-os, os cristãos, já que a obra a eles se destina, poderão chegar a ela. Neste ponto, vemos o reflexo da passagem do *De oratore* anteriormente referida, em que Cícero associa o aprendizado da eloquência à imitação de grandes oradores e ao exercício para consegui-la (*De or. II, 90*). Apesar da semelhança, Agostinho defende, o que não aparece no orador romano, o aprendizado através da leitura, numa explícita referência à leitura das *Escrituras*. O texto sagrado, inspiração do orador experiente e do iniciante, deve ser o fundamento da eloquência cristã, daí a necessidade do orador de voltar-se a ele, estudá-lo e colocá-lo em prática através de exercícios:

Nec desunt ecclesiasticae litterae, etiam praeter canonem in auctoritatis arce salubriter collocatum, quas legendo homo capax, etsi id non agat, sed tantummodo rebus quae ibi dicuntur intentus sit, etiam eloquio quo dicuntur, dum in his versatur, imbuitur, accedente vel maxime exercitatione sive scribendi sive dictandi, postremo etiam dicendi, quae secundum pietatis ac fidei regulam sentit. Si autem tale desit ingenium, nec illa rhetorica praecepta capiuntur nec, si magno labore inculcata quantumcumque ex parte capiantur, aliquid prosunt. Quandoquidem etiam ipsi qui ea didicerunt et copiose ornateque dicunt, non omnes ut secundum ipsa dicant, possunt ea cogitare cum dicunt, si non de his disputant. Immo vero vix ullos eorum esse existimo qui utrumque possint, et dicere bene et ad hoc faciendum praecepta illa dicendi cogitare cum dicunt. Cavendum est enim ne fugiant ex animo, quae dicenda sunt, dum attenditur ut arte dicantur. Et tamen in sermonibus atque dictionibus eloquentium impleta reperiuntur praecepta eloquentiae, de quibus illi ut eloquerentur vel cum eloquerentur non cogitaverunt, sive illa didicissent sive ne attigissent quidem. Implent quippe illa, quia eloquentes sunt, non adhibent ut sint eloquentes (*Doc. christ. IV, 4*).

Não faltam obras eclesiásticas ó sem contar as Escrituras canônicas, salutarmente colocadas no ápice da autoridade ó por cuja leitura um homem bem dotado pode penetrar, além de seu conteúdo se, não contente de ler somente, também se exercitar a escrever, a ditar, a compor, a expor suas ideias conforme a regra de fé e piedade. Se as disposições para esse exercício fizerem falta, tampouco será possível perceber os preceitos da retórica. E se essa pessoa perceber alguma coisa, após as ter adquirido com grande esforço, de nada lhe terá adiantado. Pois os que aprenderam tais preceitos, e que falam com fluência e eloquência, nem todos eles são capazes de pensar, ao estar falando, na

aplicação de tais preceitos em seus discursos. A não ser que estejam dissertando expressamente sobre esses mesmos preceitos. Ao meu parecer, não há quem possa falar bem e, para melhor efeito, pensar, ao mesmo tempo em que falam, nas regras da eloquência. Seria para temer, que escapem da mente aquelas ideias que eram explicitadas, devido à preocupação de exprimi-las conforme as regras da arte. E, no entanto, nos discursos e dissertações dos homens eloquentes, os preceitos da eloquência encontram-se aplicados. Esses oradores não pensam neles, nem para compor seus discursos nem para pronunciá-los, quer os tenham aprendido quer não. Na realidade, eles aplicam as regras porque são eloquentes e não para o serem.

Está claro que, para Agostinho, a prática da eloquência antecede a organização dos preceitos, ou seja, os preceitos advêm da prática discursiva e não o contrário. Dessa forma, os manuais de retórica são compostos após minuciosa observação das estratégias presentes no momento do discurso. Daí ser mais fácil atingir a eloquência observando a atuação de oradores exemplares e tentando imitá-los do que procurando colocar em prática regras preceituais compostas a partir dos discursos. O bispo de Hipona declara que os próprios oradores não possuem os preceitos em mente no momento em que discursam; pelo contrário, a eloquência brota espontaneamente de suas palavras. Para Agostinho, os grandes oradores não são eloquentes porque utilizam as regras, mas utilizam-nas porque são eloquentes (*Doc. christ. IV, 4*). Essa concepção agostiniana aproxima-se de outra fala de Crasso:

Verum ego hanc vim intellego esse in praeceptis omnibus, non ut ea secuti oratores eloquentiae laudem sint adepti, sed, quae sua sponte homines eloquentes facerent, ea quosdam observasse atque collegisse. Sic esse non eloquentiam ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum [...] (De or. I, 146).

Porém, creio que há, em todos esses preceitos, o seguinte sentido: não é que, seguindo-os, os oradores alcancem a glória da eloquência, mas que certas pessoas observaram e classificaram o que os homens eloquentes fazem de maneira espontânea. Desse modo, não foi a eloquência que nasceu da arte, mas a arte, da eloquência [...].

Novamente fica perceptível a aproximação entre o *De oratore* e o *De doctrina christiana*. Agostinho afirma ainda que a aquisição da eloquência acontece da mesma maneira que a aquisição da linguagem; as crianças aprendem a falar observando e imitando os adultos, sem que estes lhes ensinem preceitos sintáticos ou estruturais. Da mesma forma, aquele que deseja tornar-se eloquente deve observar o discurso dos grandes oradores (*Doc. christ. IV, 5*). Em seguida, o autor cristão aconselha mais uma vez seu interlocutor a ler, escutar e imitar, através de exercícios, os homens eloquentes, o que é mais recomendável que seguir as lições dos professores de retórica (*Doc. christ. IV, 5*).

4. Considerações finais

Apesar dos vários séculos que separam Agostinho de Cícero, é possível encontrar uma maneira semelhante no tratamento dado por eles aos preceitos retóricos, conforme exploramos ao longo deste artigo. Assim como Cícero afirma escrever o *De oratore* à maneira aristotélica ó *õAristotelio moreö* (*Ad Fam.* I, 9, 23) ó, criticando e corrigindo os manuais de retórica, Agostinho parece utilizar-se dos argumentos do orador romano com um propósito semelhante; o bispo de Hipona escreve à õmaneira ciceronianaö. O presente texto teve a intenção de ressaltar mais as semelhanças entre os autores que propriamente as diferenças entre eles, embora as tenha aludido em determinados momentos. Foi possível perceber que alguns excertos do *De doctrina christiana* são como paráfrases da obra de Cícero, o que demonstra a grande influência que o orador latino exerceu na criação de uma õretórica cristãö, que começa a ser delineada de forma mais profunda por Agostinho.

Não sendo intenção esgotar o assunto, esperamos que este texto possa servir como ponto de partida para pensar uma questão que até então permanecia inexplorada por parte dos especialistas no assunto. Seria de grande valia, inclusive, analisar o estatuto das conclusões a que chegamos em outras obras de Agostinho, verificando em que medida elas dialogam, neste aspecto, com as concepções ciceronianas sobre o tema. Isso, porém, pretendemos fazer em outra ocasião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. Tradução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *De doctrina christiana libri quatuor*. Disponível em <www.augustinus.it/latino/dottrina_cristiana/index2.htm>. Acesso em 07/06/2014.

_____. *La dottrina cristiana*. Disponível em <http://www.augustinus.it/italiano/dottrina_cristiana/index2.htm>. Acesso em 07/06/2014.

_____. *La doctrina cristiana*. Disponível em <http://www.augustinus.it/spagnolo/dottrina_cristiana/index.htm>. Acesso em 07/06/2014.

_____. Confissões. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. In: *Santo Agostinho; Confissões; Do Mestre. Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1984, pp. 1-288.

_____. *Confessionum libri XIII*. Disponível em <http://www.augustinus.it/latino/confessioni/index2.htm>. Acesso em 14/06/2014.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

CICERONE, Marco Tullio. *Dell'Oratore. Com um saggio introdutivo di Emanuele Narducci*. Milano: BUR, 2013.

_____. *De oratore*. Disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/oratore.shtml>. Acesso em 21/05/2014.

Estudos:

BRACHTENDORF, Johannes. Cicero and Augustine on the Passions. In: *Revue des Etudes Augustiniennes*, v. 43, pp. 289-308, 1997.

BROWN, Peter. *Augustine of Hippo*. Los Angeles: University of California Press, 1970.

BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A comparison with Graeco-Roman Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CORREA, Andrés C. Lenguaje, belleza y verdad en Cicerón y San Agustín: las encrucijadas de la persuasión. In: *Teología y Vida*, v. 43, pp. 187-195, 2002.

_____. Orator perfectus: la réplica de San Agustín al rétor ideal de Cicerón. In: *Teología y Vida*, v. 48, pp. 141-147, 2007.

ESKRIDGE, James Burnette. *The influence of Cicero upon Augustine in the development of his oratorical theory for the training of the ecclesiastical orator*. Menasha, Wis.: G. Banta, 1912. Disponível em <https://archive.org/details/influenceofcicer00eskrri>. Acesso em 21/06/2014.

GUÉRIN, Charles. Prescrire dans les formes, ou pourquoi le *De oratore* n'œ pas su trouver son public. In: *Camœnae*, v. 1: Actes du colloque Jeunes chercheurs du Centre Budé (Université de Paris-Sorbonne, 22-24 juin 2006), sous la direction de P. Galand-Hallyn et C. Lévy, 2007. Disponível em http://www.paris-sorbonne.fr/fr/IMG/pdf/Ch._Guerin.pdf. Acesso em 21/05/2014.

_____. Formes et fonctions du précepte rhétorique des manuels latins au *De oratore*. In: L. BRISSON, L.; CHIRON, P. (Ed.). In: *Rhetorica philosophans, mélanges offerts à M. Patillon*: Paris, Vrin, pp. 107-132, 2010.

HADOT, Pierre. *¿Qué es la filosofía antigua?* Traducción Eliane Cazenave Tapie Isoard. Ciudad de México: FCE, 1998.

HEECHUN, Richard. *Cicero and Augustine: a comparative study of relation between Cicero and Augustine in Rhetoric*, 2001. Disponível em <http://www.homiletic.org/english/16th_english_doc.html>. Acesso em 14/06/2014.

MARONE, Paola. Agostino e la retorica classica: alcune riflessioni sull'uso delle categorie ciceroniane. In: *Percorsi Agostiniani*, v. 10, pp. 303-312, 2012.

MARROU, Henri Irénée. *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: Éditions E. de Boccard, 1958.

MURPHY, James J. *Rhetoric in the Middle Ages: a history of rhetorical theory from Saint Augustine to Renaissance*. London: University of California Press, 1974.

NESTE, Berit Van. *Cicero and St. Augustine's Just War Theory: classical influences on a Christian Idea*. 70 p. Thesis (Master of Arts) ó University of South Florida, Tampa, 2006.

PIZZOLATO, Luigi Franco. L'amicizia in Sant'Agostino e il *De Laelius* di Cicerone. In: *Vigiliae Christianae*, v. 28, n. 3, pp. 203-215, 1974. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1583209>>. Acesso em 28/03/2014.

RAJ EVI, Uroš. *Quidam Cicero: the indebtedness of Augustine's doctor Christianus to Cicero's orator*. 77 p. Thesis (Master of Arts) ó Central European University, Budapest, 2010.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 313 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) ó Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009a.

_____. A postura polêmica de Cícero no Diálogo do orador: a crítica dos scriptores artium. In: *Classica (Brasil)* v. 22, n. 2, 2009b. pp. 198-215.

TESTARD, Maurice. Saint Augustin et Cicéron: a propos d'un ouvrage recent. In: *Revue d'Etudes Augustiniennes et Patristiques*, v. 45, n. 2, p. 385-389, 1999.

VELÁSQUEZ, Oscar. Cicerón en el *De ciuitate Dei* de san Agustín: las complejidades de un diálogo. In: *Anuário Filosófico*, v. 34, pp. 527-538, 2001. Disponível em <<http://dspace.unav.es/dspace/handle/10171/781?mode=simple>>. Acesso em 21/06/2014.

WHITE, Richard Allan. *Invention in Cicero's De Oratore and St. Augustine's De Doctrina Christiana*. 30 p. Thesis (Master of Arts) ó University of Texas, Paso, 1986.

Recebido em 09/11/2014.

Aceito em 20/12/2014.